

Inauguração da Sala da América do Sul

Parque La Reja, Buenos Aires, Argentina

7 de maio de 2005

Queridos amigos,

Agradecemos o apoio que recebemos de milhares de pessoas na América do Sul. Seus nomes aparecem gravados nas placas de aço daquela grande estela.

Agradecemos o trabalho dos operários, projetistas, arquitetos e construtores.

Agradecemos a todos os que nos acompanham nesta celebração.

E agradecemos por poder inaugurar este lugar aberto à reflexão pessoal, ao estudo e ao intercâmbio.

Neste momento, não devemos esquecer outros pontos de encontro que estão se demarcando e multiplicando nos cinco continentes. Em muitos deles, em numerosas salas e salinhas, em diversas partes do mundo, estão escutando e vendo o que dizemos e fazemos hoje aqui porque, bem sabemos, as palavras e as imagens rodam a partir desses espaços inspiradores para os espaços virtuais e dali ecoam nos espaços da espera.

Muitos de nós, situados em diversos lugares, estamos alegres com esta celebração. Estamos alegres porque não devemos agradecimentos nem aos governos, nem às empresas, nem aos poderosos, nem aos meios de difusão. Tudo se construiu aqui e em diferentes lugares do mundo graças aos esforços do Movimento Humanista e de um conjunto de pessoas que, sem especulações nem cálculos, tem apoiado o desenvolvimento de nossa Mensagem.

Portanto, é oportuno agradecer agora a esse grande Movimento, citando seus ideais e propostas fundamentais, que se formalizam nos seis pontos seguintes: em primeiro lugar, propicia a localização do ser humano como valor e preocupação central, de tal modo que nada esteja acima do ser humano e nenhum ser humano esteja acima de outro. Em segundo lugar, afirma a igualdade de todas as pessoas e trabalha pela superação da simples formalidade de direitos iguais perante a lei, avançando em direção a um mundo de oportunidades iguais para todos. Em terceiro lugar, reconhece a diversidade pessoal e cultural, afirmando as características próprias de cada povo e condenando toda discriminação que se realize em razão das diferenças econômicas, raciais, étnicas e culturais. Em quarto lugar, apoia toda tendência ao desenvolvimento do conhecimento acima das limitações impostas ao pensamento por preconceitos aceitos como verdades absolutas ou imutáveis. Em quinto lugar, afirma a liberdade de ideias e crenças e, em sexto lugar, repudia não apenas as formas de violência física, mas também todas as formas de violência econômica, racial, sexual, religiosa, moral e psicológica, como casos cotidianos enraizados em todas as regiões do mundo.

Esses seis pontos do Humanismo constituem para nós, mensageiros de um novo espírito, a base de nossa doutrina social e de nosso compromisso de ação no mundo.

No entanto, é no contato diário com as pessoas concretas e é diante das angústias da própria consciência que cada um se pergunta pela direção que deve dar a seu comportamento e a sua vida.

Como pode uma pessoa decidir a direção de sua vida, se está muito longe de ter o controle de sua situação diária? Como pode uma pessoa decidir livremente o sentido de sua vida, estando submetida às necessidades que se impõem a partir do próprio corpo? Como pode decidir livremente, acorrentada como está a um sistema de urgências econômicas, a um sistema de relações familiares, de trabalho e de amizade que às vezes se converte em um sistema de desemprego e desespero, de solidão, de desamparo, de fracasso das esperanças? Como pode decidir livremente baseando-se em uma

informação manipulada e em uma exaltação midiática de antivalores, capaz de mostrar como modelo máximo de comportamento o poderoso que exhibe impudicamente a violência, a ameaça, o atropelo, a arbitrariedade e a injustiça? Como pode decidir livremente, se os reitores morais das grandes religiões justificam ou permanecem em silêncio diante dos genocídios, das guerras santas, das guerras defensivas ou das guerras preventivas?

Porque a atmosfera social está envenenada de crueldade, nossas relações pessoais tornam-se a cada dia mais cruéis e o tratamento que cada pessoa dá a si mesma é também cada vez mais cruel.

Os grandes medos do ser humano impedem-no de dar à vida uma direção desejada e com significado. Os temores à pobreza, à solidão, à doença e à morte se conjugam e se fortalecem na sociedade, nos grupos humanos e nos indivíduos.

Mas, apesar de tudo... apesar de tudo... apesar desse desgraçado aprisionamento, algo leve como um som longínquo, algo leve como a brisa amanhecida, algo que começa suavemente, vai abrindo caminho no interior do ser humano.

Por que, alma minha, essa esperança? Por que essa esperança que, das mais obscuras horas do meu infortúnio, abre caminho luminosamente?

Como hoje estamos em uma celebração (e em algumas celebrações as pessoas trocam presentes), gostaria de te dar um presente que tu verás se merece ser aceito. Trata-se, na realidade, da recomendação mais fácil e prática que sou capaz de oferecer. É quase uma receita de cozinha, mas confio que irá além do que as palavras indicam...

Em algum momento do dia ou da noite, inspira o ar profundamente e imagina que levas esse ar a teu coração. Então, pede com força por ti e por teus seres mais queridos. Pede com força para te afastares de tudo aquilo que te traz contradição; pede que tua vida tenha unidade. Não destines muito tempo a esta breve oração, a este breve pedido, porque bastará com que interrompas por um instante o que vai acontecendo em tua vida para que, no contato com teu interior, clarifiquem-se teus sentimentos e tuas ideias.

Afastar a contradição é o mesmo que superar o ódio, o ressentimento, o desejo de vingança. Afastar a contradição é cultivar o desejo de reconciliação com outros e consigo mesmo. Afastar a contradição é perdoar e reparar duas vezes cada mal que se tenha infligido a outros.

Esta é a atitude que cabe cultivar. Então, à medida que o tempo passe, compreenderás que o mais importante é alcançar uma vida de unidade interna que frutificará quando o que penses, sintas e faças vá na mesma direção. A vida cresce por sua unidade interna e se desintegra pela contradição. E acontece que o que fazes não fica só em ti, mas chega aos demais. Portanto, quando ajudas outros a superarem a dor e o sofrimento, fazes tua vida crescer e contribuis com o mundo. Inversamente, quando aumentas o sofrimento de outros, desintegras tua vida e envenenas o mundo. E a quem deves ajudar? Em primeiro lugar, a quem está mais próximo, mas tua ação não se deterá neles.

Com aquela “receita” não termina a aprendizagem, e sim começa. Naquela “receita” se diz que temos que pedir, mas a quem se pede? Conforme o que acreditas, será para teu deus interno, teu guia ou uma imagem inspiradora e reconfortante. Por último, se não tens a quem pedir, também não terás a quem dar e, então, meu presente não merece ser aceito.

Mais adiante, poderás considerar o que explica a Mensagem em seu Livro, em seu Caminho e em sua Experiência. E também contarás com verdadeiros companheiros que possam empreender contigo uma vida nova.

Naquele simples pedido, há também uma meditação que se orienta em direção à própria vida. E esse pedido e essa meditação irão ganhando força suficiente para transformar situações cotidianas.

Avançando desse modo, talvez um dia captes um sinal. Um sinal que se apresenta às vezes com erros e às vezes com certezas. Um sinal que se insinua com muita suavidade, mas que em certos momentos da vida irrompe como um fogo sagrado, dando lugar ao arroubo dos enamorados, à inspiração dos artistas e ao êxtase dos místicos. Porque, é conveniente dizê-lo, tanto as religiões quanto as obras de arte e as grandes inspirações da vida saem dali, das diversas traduções desse sinal e não há motivo para crer que essas traduções representem fielmente o mundo que traduzem. Esse sinal em tua consciência é a tradução em imagens do que não tem imagens, é o contato com o Profundo da mente humana, uma profundidade insondável onde o espaço é infinito e o tempo é eterno.

Em alguns momentos da história, levanta-se um clamor, um pedido dilacerante dos indivíduos e dos povos. Então, do Profundo chega um sinal. Oxalá esse sinal seja traduzido com bondade nos tempos que correm, seja traduzido para superar a dor e o sofrimento. Porque por trás desse sinal estão soprando os ventos da grande mudança.

Quando há muitos anos anunciávamos a queda de um sistema, muitos ironizavam o que para eles era impossível. Meio mundo, meio sistema supostamente monolítico desmoronou.

Mas aquele mundo que caiu fez isso sem violência e mostrou as coisas boas que existiam nas pessoas. E, mais ainda, antes de desaparecer, a partir daquele mundo propiciou-se o desarmamento e começou-se a trabalhar seriamente pela paz. E não houve nenhum apocalipse. Em metade do planeta desmoronou o sistema e, além das penúrias econômicas e da reorganização das estruturas que as populações padeceram, não houve tragédias, nem perseguições, nem genocídios. Como acontecerá a queda da outra metade do mundo? Que a resposta ao clamor dos povos seja traduzida com bondade, seja traduzida na direção de superar a dor e o sofrimento.

Como seres humanos, não somos alheios ao destino do mundo. Orientemos nossa vida na direção da unidade interna, orientemos nossa vida na direção da superação das contradições, orientemos nossa vida para a superação da dor e do sofrimento em nós e em nosso próximo e onde possamos atuar.

Que nossa vida cresça superando a contradição e o sofrimento. Que nossa vida avance fazendo os demais avançarem.

Neste dia de celebração, gostaria de saudar muito afetuosamente todos os que estão aqui presentes e também aqueles que, estando muito afastados no espaço, encontram-se comunicados conosco.

Silo